



ETNOGRAFIA, DISCURSO E NEOPENTECOSTALISMO: FACETAS DE UMA HISTÓRIA PLURAL

ETHNOGRAPHY, DISCOURSE AND NEOPENTECOSTALISM: FACETS OF
A PLURAL HISTORY

ETNOGRAFÍA, DISCURSO Y NEOPENTECOSTALISMO: FACETAS DE UNA
HISTORIA PLURAL

*Paulo Julião da Silva**

*Samuel Pablo Costa de Almeida***

RESUMO

A religião, além de ser compreendida como um complexo produto humano, deve ser historicizada. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi de promover uma discussão teórica - por meio da revisão de literatura e análise discursiva - acerca do uso da Etnografia e da Análise do Discurso para compreender os elementos religiosos, sobretudo no campo de estudo histórico das igrejas neopentecostais brasileiras. O estudo permitiu concluir que o trabalho etnográfico possibilita analisar o objeto de pesquisa sem alterar um curso natural das dinâmicas presentes no contexto investigado. Por outro lado, analisar os discursos exige

* Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (2016). Professor Adjunto na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, no Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação, no Centro de Educação. É professor do Mestrado Profissional em História e do Programa de Pós-graduação em História da mesma Universidade (PPGH/UFPE). E-mail: pauloemac@gmail.com.

** Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Atualmente, é professor substituto do Instituto Federal de Pernambuco, IFPE (Campus Cabo de Santo Agostinho). E-mail: profsamuelpablo@gmail.com.



compreender a complexidade que envolve os textos, ou seja, o historiador precisa levar em consideração aspectos linguísticos, emocionais, imagéticos, simbólicos, além dos elementos que não estão presentes no momento no qual o discurso foi proferido. Por fim, a partir da análise dos testemunhos religiosos nas agências religiosas neopentecostais, é possível compreender que o aspecto indutor da prática discursiva é o anseio pela prosperidade material nas igrejas.

Palavras-chave: Historiografia; Religião; Análise do Discurso; Observação participante.

ABSTRACT

Religion, in addition to being understood as a complex human product, must be historicized. In this perspective, the objective of this work was to promote a theoretical discussion - through literature review and discursive analysis - about the use of Ethnography and Discourse Analysis to understand religious elements, especially in the field of historical study of Brazilian neo-Pentecostal churches. The study concluded that the ethnographic work makes it possible to analyze the research object without changing a natural course of the dynamics present in the investigated context. On the other hand, analyzing the speeches requires understanding the complexity that surrounds the texts, that is, the historian needs to take into account linguistic, emotional, imagery, symbolic aspects, in addition to elements that are not present at the time the speech was realized. Finally, from the analysis of religious testimonies in neo-Pentecostal religious agencies, it is possible to understand that the inducing aspect of discursive practice is the yearning for material prosperity in churches.

Keywords: Historiography; Religion; Discourse Analysis; Participant observation.

1 INTRODUÇÃO

A etnografia é imprescindível para a realização de pesquisas no âmbito da História Cultural, visto que vai além de um simples método. Trata-se de um trabalho de campo no qual proporciona ao pesquisador uma observação do objeto de estudo sem alterar o curso natural do ambiente e das relações que nele se constituem. A entrevista, certamente, é de mister importância para o trabalho historiográfico, no exercício da História oral, mas isoladamente não consegue abarcar a pluralidade de narrativas produzidas em um determinado contexto.

Isso porque, quando o historiador realiza uma entrevista acaba alterando o ambiente e a maneira de comportamento dos indivíduos que são entrevistados, fazendo com que os discursos proferidos naquele momento sejam minimamente calculados. Nesse sentido, é possível - não como forma de substituição, mas de acréscimo - colocar em prática a observação participante, como prática integrante da etnografia, a fim de

permitir conhecer mais sobre um grupo social e contemplar o universo cultural estudado.

Por sua vez, uma vez coletados os discursos demarcados ao longo da pesquisa de campo, é necessário um arcabouço teórico-metodológico que permita fazer a análise desses enunciados com maior precisão. Nessa perspectiva, é preciso levar em consideração os elementos constituintes das linguagens, das culturas e das estruturas institucionais que proporcionam a legitimidade daquilo que é proferido nos mais diversos espaços sociais. A partir desse entendimento, torna-se possível a compreensão histórica em perspectiva multifacetada.

É a partir dessas discussões que este trabalho objetiva compreender os conceitos, os métodos e as práticas que giram em torno da Etnografia e da Análise do Discurso (AD), bem como suas respectivas contribuições para o trabalho historiográfico. Ademais, como reflexão prática, pretende-se analisar a importância desses percursos de pesquisa para melhor compreender o universo das igrejas neopentecostais brasileiras. Essas agências religiosas, que captam um grande número de fiéis desde a década de 1980, são alicerçadas nos testemunhos religiosos.

Nesse sentido, a imersão etnográfica é uma ferramenta imprescindível para entrar em contato com discursos espontâneos, bem como visualizar as práticas litúrgicas da maneira na qual são exercidas naturalmente. Além disso, analisar os testemunhos religiosos pode ajudar a compreender as razões pelas quais essas igrejas têm um impacto nas ideias individuais acerca da prosperidade - entendida como possibilitada pelas instituições religiosas -, assim como o imbricamento desses enunciados com o período histórico vivenciado.

2 A ETNOGRAFIA COMO IMERSÃO CULTURAL DO HISTORIADOR

Conforme apontam Dalto e Pavesi (2018), o campo etnográfico permite valorizar as narrativas em primeira pessoa e explorar biografias para construção de um relato. A partir disso, permite-se compreender o significado da experiência vivida pelo sujeito em meio à pluralidade de dimensões do cotidiano da sociedade. Isso porque possibilita ao pesquisador fazer uma imersão em histórias de vidas que são individuais, mas que repercutem em uma coletividade. Desse modo, é possível

elencar um processo de interpretação das identidades, algo imprescindível para a História Oral, sobretudo quando se trata de um objeto de estudo no tempo recente.

As fontes orais, utilizadas no campo da historiografia, permitem analisar as diferentes memórias pessoais que ajudam na construção de uma narrativa voltada ao que se percebe no momento o qual se coleta o discurso. Nesse sentido, há um evidente imbricamento entre a História Oral e a História do Tempo Presente, uma vez que parte do pressuposto de um passado contínuo no qual se produz significados a serem interpretados no presente imediato (MATTOS & FLACH, 2019). A etnografia surge como uma forma de proporcionar outras lentes ao historiador, posto que vivencia diretamente as dinâmicas culturais nos quais investiga em tempo real.

Segundo Esquinsani (2012), a História Oral permite obter informações sobre a posição na qual o sujeito se encontra, assim como a sua apreensão social e imagética sobre o objeto investigado. Nesse sentido, esse método abarca a construção de uma narrativa que leva em consideração o que é legitimado pela perspectiva teórica e literária, bem como a vivência experienciada pelos indivíduos do contexto investigado a partir de uma análise empírica. No campo da História Cultural, perceber a importância das memórias individuais para compreender a noção de pertencimento a um dado grupo é imprescindível.

Isso porque o arquivo, enquanto conjuntura documental, é constituído por textos. No caso dos historiadores, há também um interesse pelos testemunhos contemporâneos. Nesse sentido, “a mudança de estatuto do testemunho falado ao de arquivo constitui a primeira mutação historiadora da memória viva submetida ao nosso exame” (RICOEUR, 2007, p. 179). A memória, no entanto, não é estática, podendo ser ressignificada a todo instante em virtude da constante mudança da maneira na qual os indivíduos enxergam os contextos que estão inseridos.

É preciso salientar que esse processo de transformação acompanha as diversas emoções sentidas pelos sujeitos. Nesse contexto, proporciona o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social na medida em que as histórias suscitadas pela memória individual representam anseios e experiências de toda uma coletividade. Quando o historiador vai a campo ouvir os relatos, é preciso levar em consideração a volatilidade dos discursos proferidos a partir da memória, bem como

o que esses enunciados representam para o sujeito e para o conjunto de indivíduos participantes do cenário investigado.

Ademais, no campo da História Oral, é perfeitamente possível trabalhar com a entrevista para melhor entender a perspectiva dos sujeitos a partir de questões direcionadas ao que se presente investigar. No entanto, é preciso ressaltar que essa prática de pesquisa além de alterar o ambiente, conforme foi supracitado, limita a direcionamentos artificialmente construídos por proposições e hipóteses previamente estabelecidas, enquanto a etnografia possibilita analisar o contexto pesquisado no seu curso natural. Sobre o trabalho etnográfico, pode-se elencar que:

“Esse método é conhecido pela utilização de técnicas de observação, que consiste em ingressar em determinado grupo social ou organização e observar, participando ou não, as atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa” (TURETA; ALCADIPANI, p. 2011).

A observação direta, portanto, permite ao pesquisador participar das atividades de um grupo social. Desse modo, possibilita, por exemplo, assistir a um culto religioso, da mesma maneira que um fiel, e identificar toda a liturgia própria daqueles que participam, a fim de estabelecer um elo com o objeto de estudo sem descaracterizá-lo. É por essa importância e pelo ganho metodológico que é de mister importância que o historiador do tempo presente se aproprie desse recurso de pesquisa. No entanto, faz-se necessário um maior entendimento sobre o significado da prática etnográfica, assim como do seu arcabouço teórico.

Nesse sentido, Carole McGranahan (2018) pontua que apesar da expressão “etnografia” ser originada a partir das palavras gregas *ethnos* (povo) e *grapho* (escrever), vai muito além de relatar algo a partir da escrita, uma vez que se constitui enquanto método, bem como teoria. Nesse sentido, é essa complexidade que, por intermédio de um estudo conceitual, permite compreender os elementos que estão imbricados às crenças das pessoas, às suas formas de enxergar e significar o mundo e às atitudes de um determinado grupo social.

Além disso, é preciso salientar que a etnografia, cujo berço se encontra na Antropologia, parte da relação próxima - e relativamente prolongada - do pesquisador com o grupo social investigado, a fim de analisar e dar materialidade em conversas

informais e formais, as entrevistas não-diretivas em um determinado espaço (ROCHA & ECKERT, 2008). Dessa forma, o objetivo não é fazer uma imersão mecânica naquilo que se pesquisa, mas promover uma maior flexibilidade investigativa. É esse direcionamento do contato com o universo cultural que proporciona a amplitude da lente de quem observa, ganhando forma e sentido em conformidade com as lógicas que constituem os protagonistas da narrativa histórica, antropológica ou sociológica.

Isso demarca a necessidade de que o pesquisador realize o exercício constante de uma forma de observação que saia de seu próprio universo cultural e faça uma imersão no interior do objetivo investigado. No entanto, ainda segundo Rocha e Eckert (2008), *a priori*, é preciso realizar “saídas exploratórias”, as quais devem ser construídas à luz de um olhar atento às práticas de um grupo social, observando as peculiaridades em relação ao campo de interesse do pesquisador. Por outro lado, ao mesmo tempo, é imprescindível a flexibilidade no sentido de fazer descobertas de possibilidades de análise baseadas na observação próxima aos indivíduos que fazem parte do contexto pesquisado. Posteriormente, deve-se fazer um trabalho com o fito conhecer o outro, bem como escutar atenciosamente as pessoas envolvidas no objeto. No sentido de concretizar a análise, é necessário escrever os relatos ouvidos, assim como as experiências durante essa imersão.

Essas etapas não devem ser interpretadas como regras rígidas do fazer etnográfico, até porque retiraria o seu sentido original. Contudo, são passos fundamentais para que - no caso específico do fazer historiográfico - a narrativa contemple os indivíduos que fazem parte do objeto de análise, de modo a proporcionar vozes plurais que sejam levadas em consideração no momento da produção textual do historiador. Nessa perspectiva, no caso da elaboração de entrevistas em consonância à etnografia, recomenda-se que sejam livres, abertas, semi-guiadas de modo a deixar as pessoas mais à vontade para responderem aos questionamentos.

Além disso, não existe uma fórmula pronta para analisar os dados coletados a partir do emprego da etnografia, mas é recomendável uma organização e a leitura panorâmica do diário de campo, a fim de perceber se o pesquisador não esqueceu uma informação importante e promover uma reflexão sobre o objeto de estudo e, por fim, é importante fazer uma classificação temática do que foi anotado (ANGROSINO,

2009). Admitindo que os trabalhos etnográficos não são estáticos e que a mente humana não é capaz de memorizar tudo aquilo que visualiza nessas atividades, é necessário demarcar a relevância das notas acerca do que é percebido.

Sobre essa concepção de pesquisa, na obra intitulada *Diários Índios*, Darcy Ribeiro (2006) - antropólogo e historiador brasileiro - narra como foi a sua convivência com indígenas da tribo Urubus-Kaapor, no estado Maranhão, assim como conta que realizava os seus diários por meio de anotações daquilo que via e ouvia dos indígenas, assim como o seu dia a dia com a tribo. Assim é o diário de campo, no qual devem ser colocados os relatos orais, a fim de analisar as possibilidades de mudanças nas ações etnográficas futuras e permitir que a investigação seja realizada a partir do maior número de elementos observados a partir da etnografia.

Ainda sobre o trabalho de Darcy Ribeiro, talvez uma de suas maiores contribuições gire em torno da compreensão da cultura e o processo de formação das identidades no Brasil. A partir das suas obras, houve o reforço na comunidade acadêmica da necessidade de se empenhar para melhor compreender o universo cultural. Indo ao encontro dessa perspectiva, os estudos históricos e dos demais campos das Ciências Humanas não podem se desvincular das discussões acerca da cultura. Entretanto, é sempre um grande desafio não partir de uma visão classificatória ou munida de diversos preconceitos. A urgência de ir um pouco além das tradicionais entrevistas realizadas pelos historiadores talvez resida no fato de que naturalmente o historiador parte de ideias preconcebidas que influenciam os questionários de pesquisa.

Nesse sentido, a etnografia pode contribuir nas investigações que dialogam com temas e acontecimentos do tempo presente. Conforme postula Angrosino (2009), é interesse da pesquisa etnográfica estudar determinadas comunidades e/ou sociedades, sobretudo a partir de uma perspectiva cultural, investigando costumes, comportamentos e crenças partilhadas por um grupo social, além de coletar dados sobre o objeto de estudo, a fim de melhor compreender as dinâmicas que perpassam os indivíduos e as relações sociais entre eles estabelecidas. Desse modo, desenha-se a possibilidade de melhor interpretar as práticas culturais de um grupo por meio desse contato direto.

3 AS DIVERSAS FACETAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Considerado como um dos pioneiros da Análise do Discurso, o francês Michel Pêcheux desenvolveu uma teoria na qual sofreu inúmeras contribuições de intelectuais ao longo do século XX, como Saussure, Bakhtin, Althusser, Foucault e Lacan. A partir disso, discutiu-se com maior intensidade o conceito de discurso, o qual pode ser compreendido a partir de inúmeras percepções. De modo geral, as pesquisas apontam para as produções de sentido dos enunciados, levando sempre em consideração o contexto de produção.

Entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu (GREGOLIN, 1995, p. 17).

Nesse sentido, é possível compreender a necessidade de historicizar o discurso, na medida que os significados só podem ser analisados uma vez que se leve em consideração a cadeia de relações constituídas no tempo que foi produzido. Ademais, conforme aponta Gregolin (1995), o discurso pode ser entendido como uma perspectiva abstrata que embasa vários textos concretos veiculados por uma determinada sociedade e/ou comunidade. Partindo dessa premissa, trata-se de uma exposição sistemática de ideias que têm relação direta com as instituições sociais, os locais dos quais os indivíduos proferem os enunciados e com diversos outros fatores externos.

Essas organizações sociais devem ser analisadas a partir de suas respectivas formas de moldar as relações sociais e as formas dos indivíduos pensarem, mediadas pela ideologia. Segundo Pêcheux (1990), há uma evidente associação entre as situações dos discursos e as ideologias por eles representadas, as quais variam de acordo com a época e o recorte social. A construção do discurso, portanto, está diretamente ligada aos sentidos que são apreendidos por um grupo de pessoas que têm por objetivo concretizar suas percepções por meio de um complexo exercício da linguagem.

É válido ressaltar que o discurso não pode ser limitado ao estudo exclusivo da linguística, uma vez que possui inúmeras questões extralinguísticas (MAINGUENEAU, 1998). Isso porque embora o campo enunciativo tenha como

principal ponto de partida o campo da linguagem, existe uma série de fatores que influenciam a formação do discurso, bem como o seu impacto social. Por essa razão, essa noção acerca do discurso deve ser aplicada à interpretação histórica na análise dos enunciados, inclusive dentro de uma perspectiva cultural sobre as religiões, temática que será melhor abordada posteriormente.

Além disso, com o intuito de materializar a análise do discurso, é necessário determinar as condições de produção do texto, desde as categorias de pessoa, o espaço e o tempo até os procedimentos utilizados na construção da narrativa do discurso, bem como os seus efeitos de sentido (GREGOLIN, 1995). Nesse sentido, quando um fiel de uma igreja profere um testemunho em 1ª pessoa expressa o caráter de subjetividade, demonstrando que o enunciador se sente confortavelmente próximo ao lugar no qual poderá exercer o seu regime de verdade.

Nesse espaço, o sujeito se sente confortável e até estimulado a compartilhar as suas experiências pessoais de prosperidade por meio da igreja, uma vez que o seu discurso nesse âmbito tem um efeito de verdade previamente suposto. Ali ele sabe que, além de contribuir para a legitimidade da instituição religiosa, dificilmente será julgado pelos ouvintes. No entanto, talvez se fosse em um contexto exterior a esse lugar de fala o mesmo fiel não tivesse a mesma forma de expressão, estando propenso a construir o discurso na impessoalidade como forma de argumentar sem se identificar, firmando enunciados como “muitas pessoas prosperaram por meio da igreja” e não “eu prosperei”.

Abordando especificamente destaque discursivo nesses espaços, na perspectiva de Orlandi (2003), os discursos religiosos são pautados na concepção de que representam a enunciação divina, sendo os líderes - como padres, bispos, pastores - instrumentos para materialização da voz de Deus. Desse modo, legitimam lugar privilegiado no processo comunicativo, visto que as pessoas que estão nos templos religiosos se enxergam enquanto seres que representam as ideias mundanas, em contraponto ao discurso que representa a divindade.

Portanto, os discursos veiculados em âmbito religioso possuem não somente caráter motivacional rumo à prosperidade material ou espiritual, mas de um rótulo que transmite a noção de verdade uníssona evocada por um ser supremo. No entanto, é

perceptível que não é possível falar qualquer coisa nos templos religiosos, uma vez que há uma seleção prévia do que deve ou não ser veiculado conforme interesses institucionais. É possível observar, dessa forma, que essa concepção vai ao encontro do que foi defendido por Foucault (1996, p.8-9), o qual afirma que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”.

Ademais, os enunciados religiosos, além de promoverem um efeito de verdade, são legitimados a partir dos próprios alicerces que sustentam a crença dos fiéis e não pela determinação dos líderes religiosos. Segundo Nascimento, Ferreira e Couto (2013), a força discursiva do universo religioso passa a ideia na qual tudo que é proferido não é imposição, mas reflexão acerca dos valores aos quais os fiéis comungam. No entanto, a partir da dicotomia entre o “caminho certo e o errado” é feita a imposição ideológica da instituição.

Nesse sentido, a força indutora dos discursos não reside numa violenta forma de impor condutas ou crenças, mas utilizar as próprias dores, anseios e concepções dos indivíduos para atraí-los ao cerne da força discursiva. Isso porque “não se trata de força ou coerção física, pois a ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela linguagem: o funcionamento da ideologia transforma a força em direito e a obediência em dever” (NASCIMENTO, FERREIRA & COUTO, 2013, p. 4)”. Dessa forma, compreende-se que o processo de racionalização da linguagem nos espaços nos quais as instituições promovem uma maneira de pensar gira em torno da conscientização constituída a partir da ideia de verdade que deve ser seguida a partir das próprias consciências individuais.

Para analisar os discursos proferidos no campo religioso ou qualquer outra instituição social, alguns aspectos devem ser levados em consideração. É possível perceber que os enunciados são veiculados por inúmeras expressões linguísticas, são demarcados a partir de características próprias de um momento histórico, são fundamentados por meio de perspectivas de verdade e de embates ideológicos e são fruto de uma complexa rede humana de percepções que dialogam com elementos como a memória e o apreço institucional. Nesse sentido, analisar esses textos não é uma tarefa fácil e muito menos há uma forma única e estática de se fazer. Desse modo, são necessários

princípios norteadores que adequam o objetivo do pesquisador ao contexto que será abordado.

Conforme aponta Maingueneau (1997), antes de realizar qualquer análise, é preciso seguir três importantes critérios acerca do discurso: aqueles produzidos por instituições que restringem muito a enunciação; textos cuja produção demarque conflitos de ordem social, histórica etc; produções que determinam um espaço singular externo a um interdiscurso limitado. Esses princípios devem ser levados em consideração quando realizada a pesquisa em torno do discurso, sobretudo quando o campo de estudo exige a historização dos enunciados e as narrativas sociais, políticas e institucionais que envolvem os textos do objeto de análise.

O discurso, portanto, deve ser interpretado como fruto de uma rede sempre em processo de construção, passível de transformações ocasionadas pelas ideologias e pelo processo histórico que alteram o sentido e a ordem enunciativa (BARROS, 2015). Nesse sentido, não se trata de uma mera transmissão de informação entre pessoas, mas um conjunto de elementos constituintes que são reforçados pela linguagem e por fatores externos que dialogam com o texto. O responsável por realizar a análise dos enunciados deve visualizar esses elementos e tornar evidente os seus posicionamentos.

Contudo, é válido salientar que o pesquisador jamais será neutro no processo de investigação, tornando imprescindível demarcar o seu lugar de análise, bem como a perspectiva teórica que orienta o estudo, a fim de que o leitor do produto final da pesquisa possa entendê-la sem ambiguidades. Ademais, para melhor compreender as ideologias, os significados e os valores contidos nos discursos, é preciso também observar o posicionamento de quem profere um determinado enunciado quando resolve não dizer um elemento importante do contexto abordado. Por outro lado, o espaço aberto pelas vozes de terceiros em um determinado discurso demarca o interdiscurso, o qual também deve ser levado em consideração pela AD.

Segundo Patriota e Turton (2004), os indivíduos - conduzidos pela memória discursiva - expressam uma espécie de interdiscurso na medida em que produzem sentido por meio das palavras proferidas a partir da ideologia e do inconsciente. Isso faz com que as palavras não tenham uma semântica estática, ou seja, dependendo da

intencionalidade e do contexto enunciativo, o enunciador da mensagem pode produzir um novo significado no discurso. Desse modo, para compreender os elementos discursivos presentes em um determinado contexto, é preciso levar em consideração os textos comumente veiculados nesse espaço, bem como os princípios e valores que influenciam os indivíduos.

É natural, portanto, que haja o processo de intertextualidade. Na medida que um fiel - por exemplo - realiza um testemunho de suas experiências na igreja e como chegou à prosperidade, é possível que dialogue com textos veiculados nesse espaço religioso, seja do pastor ou de outros testemunhantes. Aliás, até mesmo a prática de 'dar o testemunho' provém do estímulo realizado pelos pastores e é legitimado pelo próprio texto bíblico, conforme é possível perceber no seguinte trecho: "vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (BÍBLIA, Marcos, 5, 19).

Esse estímulo à construção de uma narrativa em torno das histórias de vida, admitidas como bem sucedidas em virtude da divindade, impacta diretamente na perspectiva ideológica dos indivíduos, a qual pode ser materializada por enunciados próprios. Nesse sentido, cria-se uma cultura enunciativa com intencionalidade já demarcada e legitimada pelas instituições religiosas. Logo, há o imbricamento do que é dito a partir de uma perspectiva individual com aquilo que é propagado e constituído coletivamente.

No campo historiográfico, para além da compreensão das inúmeras relações intertextuais possíveis e das ideologias presentes nos discursos, entender os textos a partir do universo histórico o qual se inserem é fundamental. Conforme aponta Tasso (2004), a análise discursiva no campo da historiografia deve partir do princípio que há possibilidades de leitura dos fatos em busca da construção de uma narrativa na qual não deve ser em torno de uma cronologia, mas vinculada às condições sócio-históricas de interpretação dos discursos.

Nessa perspectiva, o objetivo de historicizar as práticas discursivas não gira em torno de enquadrá-las em uma noção linear de tempo, mas compreender como há um intrínseco diálogo com os contextos históricos nos quais se inserem e como reverberam nos âmbitos políticos, culturais, sociais e econômicos. Para isso, é preciso

analisar os enunciados a partir da compreensão de que existe uma memória indutora que fornece sentido ao que é dito e proporciona possibilidades de significados ao que será compreendido por parte dos ouvintes ou leitores do texto. Entretanto, é válido salientar que os caminhos discursivos podem ser previamente pensados e sistematizados para o fazer compreender que se é desejado, configurando como forma de controlar e instituir ideologias.

Assim, analisar o que deixou de ser dito tem sempre sua implicação à memória do dizer, à maneira pela qual a História intervém nos processos semânticos da língua. O que deixou de ser dito, o silêncio pode ser considerado como parte da retórica de dominação, das redes de sutileza do poder e do controle (ARDENGI, 2013, p. 81).

A partir dessa compreensão, é necessário perceber as diversas facetas do discurso. Nesse sentido, é imprescindível a realização de uma abordagem interdisciplinar, a fim de contemplar os campos da linguagem, da cultura, da História, da religiosidade, da política e os demais aspectos que podem fazer parte do corpo discursivo. No entanto, vale ressaltar a necessidade de uma imersão cultural prévia no contexto estudado, com o fito de compreender as dinâmicas que estão por trás dos enunciados, bem como dimensionar as possibilidades de análise. Desse modo, o trabalho etnográfico surge como um bom caminho para suprir essa demanda investigativa.

Identificados os componentes do âmbito estudado, o pesquisador deve buscar os recursos históricos nos quais podem contribuir na compreensão das motivações, anseios, ideologias, significados historicamente produzidos e da produção de espaços institucionais. Em paralelo, é inevitável o trabalho no campo linguístico, uma vez que a base para entender um texto reside nos sentidos possíveis de um determinado conjunto de signos comunicativos que se fazem presentes nos enunciados. Dessa forma, torna-se viável a análise do discurso enquanto prática e caminho possível de pesquisa no campo das Ciências Humanas, sobretudo para a historiografia.

4 O DISCURSO NAS RELIGIÕES NEOPENTECOSTAIS

Segundo Laraia (2001), é preciso compreender o funcionamento do sistema cultural, levando em consideração a sua natureza dinâmica e plural, uma vez que - a partir da complexidade - possui diferentes graus de participação dos indivíduos na cultura.

Dessa forma, os elementos como posição geográfica, religião, idade, sexo e posição social que ocupa contribuem para melhor compreender o lugar no qual o sujeito ocupa no universo cultural. A busca pela análise no campo religioso não é diferente, a comunicação realizada nesse espaço remota ao acúmulo de experiências que determina parâmetros culturais, morais e comportamentais dos grupos sociais.

As reflexões suscitadas a partir da análise do discurso, propostas neste trabalho, residem nas práticas enunciativas das igrejas neopentecostais e permitem compreender as ideologias consolidadas nesses espaços. Segundo Santos e Vilaça (2022), a legitimidade na busca das recompensas materiais em instituições religiosas neopentecostais reside no fato de haver uma interpretação a partir da imagética de Cristo no que concerne ao sucesso material e espiritual. Nesse sentido, o discurso indutor das relações nessas agências religiosas partem da noção de que a instituição religiosa é um local que permite a prosperidade dos indivíduos que a frequentam.

O alicerce da política econômica no qual essa prática religiosa se insere historicamente gira em torno da perspectiva neoliberal. Há, portanto, um estímulo ao empreendedorismo e à concepção de que o esforço meritocrático é a porta de entrada para o sucesso, evidentemente intermediado pelas igrejas. No âmbito do neoliberalismo, compreendido como uma política econômica capitalista, um modo de governabilidade e ao mesmo tempo uma ideologia, a perspectiva do *habitus* opera no sentido de moldar os próprios costumes e modos de vida, nos quais reverberam - por sua vez - na religião (SANTOS & VILAÇA, 2022).

Essa noção está diretamente ancorada na Teologia da Prosperidade, na qual legitima a ideia de que as pessoas que estão passando por dificuldades financeiras, jurídicas, de perseguição espiritual ou de saúde podem prosperar e atingir o que almejam por intermédio da Igreja. Nesse contexto, os testemunhos religiosos proferidos nessas instituições demarcam histórias de vidas exemplares de pessoas que obtiveram recursos materiais e espirituais, discursos que inspiram os ouvintes a permanecerem nas agência religiosa por acreditarem que ali é um espaço para conquista de bens.

Segundo Rodrigues (2003), essa perspectiva na prática religiosa pode ser considerada um anseio pelo apoderamento da 'herança de Deus' através da conquista e usufruto dos bens terrenos. O reforço discursivo, que incentiva os fiéis a buscarem

a prosperidade através das igrejas, é amplamente realizado nos meios de comunicação, como redes de televisão aberta, redes sociais e os jornais promovidos pelas próprias instituições. É válido salientar que as publicações nos jornais - impressos e digitais - são realizadas com periodicidade frequente.

A Folha Universal (2022), pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), publicou - no dia 27 de novembro de 2022 - a história de vida e o testemunho da professora Bianca da Silva, a qual alega ter pensado em viver na rua e aguardar a morte por se afastar da igreja e aderir ideologias ligadas ao ateísmo. Nesse sentido, ela narra que isso gerou um 'vazio existencial' e, por essa razão, passou a descontar as suas dores nas bebidas alcoólicas. Logo em seguida, conta que perdeu o emprego e passou a padecer com várias doenças. No entanto, a testemunha afirma que, após passar a frequentar as reuniões da Igreja Universal, transformou-se rumo à plenitude e à felicidade.

É possível perceber que na imagem matéria a fiel aparece sorridente, dando uma sensação de confiança mediante a vida próspera que foi proporcionada pela obra da igreja. Ademais, é possível elencar o reforço de um discurso que atribui as suas mazelas ao fato de ter deixado de estar próxima à igreja, ao passo que a sua prosperidade chega exatamente quando retorna. Nesse sentido, há o compartilhamento de uma história de vida que pode ser semelhante a outras que têm acesso a esses discursos, fazendo que haja uma convenção discursiva de atribuir o fracasso material ou espiritual à ausência de proximidade com a Igreja e o sucesso à aproximação contínua com a agência religiosa neopentecostal.

Além disso, no âmbito das igrejas, os líderes religiosos desempenham um papel fundamental no sentido de validar, selecionar e incentivar essa esfera enunciativa no espaço neopentecostal. Desse modo, Pires e Jesus (2014) demonstram que os líderes religiosos neopentecostais, qualificados como gurus, curandeiros, poderosos e ungidos, apresentam-se como figuras carismáticas¹ nas quais - na medida em que

¹ Essa perspectiva de líderes considerados carismáticos foi defendida pelo teórico Max Weber (1982, p. 100), o qual afirmava que "os homens não o obedecem em virtude da tradição ou lei, mas porque acreditam nele. Quando é mais do que um oportunista limitado e presunçoso, o líder vive para sua causa e 'luta pela sua obra'. A dedicação de seus discípulos, seus seguidores, seus amigos pessoais do partido é orientada para a sua pessoa e para suas qualidades."

possuem legitimidade dentro de uma comunidade - são agentes propulsores da expansão do grupo religioso.

Nessa perspectiva, é de mister importância salientar a linguagem próxima ao público que é apresentada por essas figuras religiosas. O carisma reside não apenas na maneira de se comportar, mas nas palavras utilizadas, nas músicas que causam espécie de transe nos fiéis e no caráter exemplificativo que denotam credibilidade. Essa conjuntura também pode ser aplicada ao que é dito nas instituições religiosas. Ligados à perspectiva carismática dos pastores, os discursos religiosos reforçam uma imagem de salvação - em contraponto às demais realizações mundanas - os quais legitimam a ideia de conversão individual (PIRES & JESUS, 2014).

Quando o fiel dá o testemunho de uma trajetória bem-sucedida graças à igreja, existe um lugar de fala que é previamente legitimado, visto que naquele lugar as pessoas que ouvem o discurso estão ideologicamente alinhadas à perspectiva institucional. A capacidade de persuasão, portanto, é potencializada na medida que as expressões testemunhais alimentam as esperanças dos fiéis que anseiam pela resolução de seus problemas e melhores condições de vida.

A força do testemunho durante um culto, por exemplo, reside no reforço da ideia de como a fé é capaz de transformar vidas, de como um homem dependente de cocaína, envolvido em situações de risco, pode trilhar um novo caminho a partir da adesão religiosa, preenchendo um espaço de lazer com possibilidades produtivas ou mesmo de diversão em um novo círculo de sociabilidade. O testemunho torna factível o desejo de permanecer ou aderir à religião proselitista (SAMPAIO, 2007, p. 39).

A construção discursiva do testemunho, portanto, é moldada a partir de experiências individuais que reverberam em pretensões coletivas. O jogo linguístico da trajetória até chegar à prosperidade passa desde o momento no qual a vida do indivíduo caiu em ruínas até a alavanca propulsora do sucesso que é configurada como a Igreja. Nesse sentido, estudar os discursos religiosos exige compreender como são organizadas os elementos enunciativos das instituições à luz de uma perspectiva

histórica, uma vez que são constituídos de ideologias que dialogam com as perspectivas socioeconômicas do momento no qual se inserem.

Conforme aponta Silva (2010, p. 12) , “para estudar os fenômenos religiosos, o historiador deve sempre estar atento ao uso e sentido dos termos que em determinada situação geram crenças, ações, instituições, condutas, mitos, ritos, etc”. O estudo histórico, portanto, jamais deve ser de natureza classificatória e sim acabar a complexidade das religiões a partir da análise que pode ser viabilizada investigação em torno dos discursos e pela etnografia. Nesse sentido, não é papel do historiador fazer a função de juiz dos discursos proferidos, mas analisá-los na dimensão histórica.

Portanto, a grande questão da discussão não gira em torno de se Bianca - fiel do jornal analisado acima - foi influenciada pela construção discursiva da IURD ou se foi mera coincidência o fato de ter prosperado exatamente quando retornou à igreja, mas entender como que a sua narrativa dialoga com a perspectiva institucional das igrejas neopentecostais em paralelo aos elementos culturais e sociais imbricados. Nessa perspectiva, as crenças não devem ser subjugadas, pois não é mérito do trabalho historiográfico. No entanto, o fato é que ela expressou uma memória que foi significada a partir da instituição religiosa e isso gera um impacto direto nos indivíduos que frequentam esse espaço, posto que podem considerar como um exemplo a ser seguido e uma esperança de também conseguirem prosperar.

No âmbito do discurso religioso de igrejas midiáticas, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, há uma evidente estratégia discursiva no sentido de evidenciar a religião como uma forma de vencer as dificuldades materiais e espirituais (PATRIOTA & TURTON, 2004). Essa construção discursiva não é realizada de maneira descontextualizada e sem propósito, há um imbricamento com a ideologia de determinados grupos que almejam propagar a noção de necessidade da busca por bens terrenos e que a igreja é o lugar adequado para essa possibilidade de conquistas.

Nesse sentido, conforme postula Barros (2015), é possível compreender o enunciado por meio de sua historicidade e em sua relação político-ideológica, relacionando com os respectivos contextos pelos torna-se possível o seu aparecimento. No caso dos discursos neopentecostais, há uma íntima relação com as lógicas neoliberais, visto

que um dos elementos mais presentes nos testemunhos e enunciados realizados nas agências religiosas é sobre o acúmulo de bens e o empreendedorismo. No caso de Bianca, o fracasso foi representado por uma conduta que foge da moral cristã e isso implicou diretamente na sua saúde psicológica e na administração dos seus recursos materiais, influenciando diretamente na dificuldade de prosperar.

Na medida que a igreja é colocada como propulsora da prosperidade e estimula a aquisição de bens, legitima-se o discurso alinhado ao neoliberalismo. De acordo com Toledo e Cazavechia (2021), com a consolidação do capitalismo na América Latina, houve o advento de igrejas midiáticas alinhadas à perspectiva neoliberal, como é o caso das instituições religiosas neopentecostais. Dessa maneira, percebe-se que os discursos veiculados nessas agências são capazes de influenciar os fiéis alicerçados a uma cultura religiosa imbricada com a política econômica historicamente instituída.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que foi exposto, percebe-se que o trabalho historiográfico, particularmente em torno das religiões, necessita abarcar as inúmeras facetas que a cultura impõe ao trabalho dos pesquisadores. Nesse sentido, a etnografia proporciona uma imersão cultural do historiador, imprescindível para melhor compreender o seu objeto de estudo e dimensionar os ritos, práticas e elementos presentes sem partir, necessariamente, de ideias já consolidadas na literatura e estereótipos previamente construídos.

A entrevista é uma ferramenta metodológica muito importante, uma vez que permite obter respostas à pergunta anteriormente pensadas que corroboram com os objetivos da análise. No entanto, na medida que se informa ao indivíduo que fará uma entrevista, altera o ambiente natural do local e, certamente, a postura do entrevistado. Isso porque ele sabe que o seu discurso será analisado, logo, pensa previamente naquilo que fala, tornando a coleta discursiva relativamente mecanizada. A proposta da prática etnográfica, portanto, é justamente não modificar o curso natural do objeto de estudo, contemplando a espontaneidade por intermédio da observação participante.

Por outro lado, a partir dos discursos coletados, é necessário pontuar que a análise do discurso exige a observação dos aspectos linguísticos e a historicização dos enunciados. Nessa perspectiva, há a presença da intertextualidade e da ideologia por trás das práticas discursivas, as quais jamais podem ser consideradas neutras. Dessa forma, há o imbricamento do que é dito com as situações históricas que se insere, uma vez que estão influenciando diretamente as ações políticas, culturais, sociais e econômicas.

A construção das relações enunciativas nas igrejas neopentecostais, por exemplo, dialogam diretamente com a noção de prosperidade que - por sua vez - é reflexo da política econômica neoliberal. Portanto, para analisar os discursos veiculados nessas agências religiosas é preciso levar em consideração o fio condutor que direciona a instituição e os seus fiéis a buscarem a aquisição de bens materiais, bem como quais as razões pelas quais os discursos são proferidos iniciam com pessoa afastada que ao se afastar da igreja chegou ao fracasso, em seguida o momento que passa a frequentá-la e, por fim, o momento no qual chega ao sucesso daquilo que almeja.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. V. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARDENGHI, L. M. R.. *Análise do Discurso e Ensino de História – trajetória e sentidos*. Orientadora: Leda Verdiani Tfouni. 2013. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARROS, T. H. B.. *Por uma Metodologia do Discurso: noções e métodos para uma análise discursiva*. In: *Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 73-95, 2015.

BÍBLIA, A. T. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

DADALTO, Maria Cristina; PAVESI, Patricia Pereira. *Entre a Etnografia e a História Oral: uma proposta empírica etnobiográfica*. *Revista del CESLA*, n.º. 22, p. 227-246, 2018.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. *Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral*. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, 2012.

FOLHA UNIVERSAL. Comecei a pensar em morar na rua e esperar a morte chegar. Ed. 27 de novembro de 2022. Disponível em:

<<https://www.universal.org/noticias/post/comecei-a-pensar-em-morar-na-rua-e-esperar-a-morte-chegar/>>

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GREGOLIN, M. R. V.. A Análise do Discurso: conceitos e aplicações. Revista Alfa, São Paulo, p. 13-21, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAINGUENEAU, D.. Temas-chave da análise do discurso. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, D.. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes – Ed. da Unicamp, 1997.

MATTOS, Luísa Karam de.; FLACH, Leonardo. Perspectivas e Caminhos para o Uso dos Métodos de Etnografia e História Oral nas Pesquisas sobre Gestão do Ensino Superior. Revista Eletrônica de Administração (Online), v. 18, n.1, ed. 34, 2019.

McGRANAHAN, C. Ethnography. In: CALLAN, H. (ed.). The international encyclopedia of anthropology. Hoboken: John Wiley & Sons, 2018.

NASCIMENTO; A. K.; FERREIRA, N. C.; COUTO, E. L.. O Discurso Religioso Cristão: uma análise dos efeitos de sentido construídos pela vertente católica. Presidente Prudente, Encontro de Iniciação Científica, p. 1-21, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Linguagem e seu Funcionamento. 2a ed. Campinas: Pontes, 2003.

PATRIOTA, K. R. M. P.; TURTON, A. N.. Memória Discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV. Ciências & Cognição, v. 01, p. 13-21, 2004.

PÊCHEUX, M. Apresentação da Análise Automática do Discurso. In: GADET, F., HAK, H. Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

PIRES, F. F.; JESUS, R. O. S. S.. Do Brasil para o Mundo: como conceitos clássicos weberianos podem nos ajudar a entender o sucesso transnacional da Igreja Mundial do Poder de Deus?. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 137-167, 2014.

RIBEIRO, Darcy. Diários Índios. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C.. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, R. J.; GUAZZELLI, C. A. B.. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODRIGUES, K. Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE. São Paulo: edições ABHR: Edições FAFICA – Coleção Religião e Academia, 2003.

SAMPAIO, C. A. M.. “Remido pelo Espírito”, no comando da vida: trajetórias de líderes pentecostais em uma favela carioca. Orientadora: Clara Mafra. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, A. M.; VILAÇA, H.. Religião e neoliberalismo: a perspectiva da Igreja Universal do Reino de Deus sobre a crise financeira portuguesa e a política de austeridade (2010-2012). Revista Rever, São Paulo, v. 22, n. 1, 2022.

SILVA, Eliane Moura da. Religião: da fenomenologia à História. In. _____; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). Religião e Sociedade na América Latina. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, p. 11 – 15, 2010.

TASSO, R. D.. Revisitando o Papel da História na Análise do Discurso. Florianópolis, Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, p. 1-7, 2004.

TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. Entre o observador e o integrante da escola de samba: os não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo. Revista de Administração Contemporânea, v. 15, n. 2, 2011.

WEBER, M. Ensaios de Sociologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.